

ALONSO E QUIXOTE NO PARADIGMA DA LOUCURA: A HISTÓRIA E A FICÇÃO.

ELENYR CAVADAS¹; ALINE COELHO DA SILVA²

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – elenyr.c@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – silva.aline.coelho@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Tendo como perspectiva o tema loucura, este trabalho visa analisar algumas abordagens críticas literárias sobre a relação de coexistência entre os personagens protagonistas Alonso e Quixote na obra de Miguel de Cervantes (2004), *Don Quijote de La Mancha*. Uma paródia as histórias cavaleirescas de sua época (séc. XVII), representa uma ruptura com os livros de cavalaria. Há mais de 400 anos, essa grandiosa utopia quixotesca vem sendo analisada em suas diferentes peculiaridades. Toda essa riqueza literária possibilita, até hoje, diversas vias de análise e reflexão. Autor, obra, personagens e, principalmente, o tema “loucura” são pontos intrigantes às críticas e análises literárias, às releituras e intertextualidades.

Toda essa riqueza literária possibilita, até hoje, diversas vias de análise e reflexão. No decorrer dos séculos, a loucura foi conceituada dentre os mais distintos aspectos, entretanto, todos eles tiveram como ponto comum a exclusão social. Visando entender o contexto sob o qual Cervantes escreveu sua obra, buscou-se retomar as diferentes formas com que a sociedade, entre os séculos XV e XVII, concebia e tratava a loucura. Através dos estudos de Foucault (1997) observou-se três séculos sobre a história da loucura: século XV, com a loucura já em evidência, a forma que a sociedade encontrou para se livrar de seus loucos era entregando-os a barqueiros que os levavam de uma cidade para outra. Essas embarcações eram então conhecidas como *A Nau dos Loucos* (p.9). Na segunda metade desse século, a loucura é vista então como algo místico e todas as pessoas que estavam fora de um padrão de comportamento social eram consideradas loucas. Já no século XVI, considerado pelo autor como o século da *Não-Razão*, a loucura passa a ser entendida de modo correlacionado e reversível com a razão, ou seja, fundamentando-se uma a outra, estendia-se que toda loucura tinha sua razão assim como toda razão a sua loucura. Por fim, no século XVII, época em que foi Cervantes escreveu *Don Quixote*, a imaginação médica atribuía poderes maléficos ao calor, a loucura se destaca com uma representação ambígua: a de ameaça e a de zombaria; porém, do mesmo modo, ela é estigmatizada e condenada a exclusão.

É em meio a esse contexto, no início do século XVII, que Cervantes escreve “*Don Quixote de La Mancha*”. Novela que traz como tema central da loucura abordada nas utópicas aventuras do Cavaleiro andante. Herói que surgiu do imaginário literário do nobre Fidalgo Alonso que, de pouco dormir e muito ler histórias de cavalaria, perdeu o juízo e personificou a Quixote. Nessa relação, os personagens se entrelaçam e se confundem. Precisar a fronteira entre Alonso e Quixote, ou até mesmo onde ambos se mesclam e interagem em cumplicidade, permanece sendo uma tarefa com inúmeras possibilidades de reflexões.

Objetivando traçar um paralelo entre ficção e realidade sobre criação artística literária dos personagens Alonso e Quixote, buscou-se investigar o trabalho de Huarte de San Juan no qual Szirko (1996), em nota preliminar, afirma ser notória a influência de Huarte na elaboração do perfil psicológico que Cervantes faz do Fidalgo. Segundo a autora, a obra cervantina apresenta diversos aspectos, tanto físicos como psicológicos, estabelecidos por San Juan em seus estudos.

Embasada nessa contextura histórica social, a presente pesquisa aborda as análises críticas literárias dos autores Auerbach (2011), Bloom (2001), Buxó (2008) e Unamuno (apud Harold Bloom, 2001), sobre as questões que envolvem tanto a loucura como a relação de coexistência e interação entre Alonso e Quixote.

2. METODOLOGIA

Pesquisa bibliográfica focada na investigação e comparação de abordagens críticas literárias analisando a loucura em Quixote na relação de coexistência com Alonso.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a fundamentação do contexto histórico-social foi possível ter uma visão mais ampla de como a sociedade da época (séculos XV à XVII) lidava com as questões sobre a loucura, visto que a obra cervantina aborda o tema loucura através da utopia quixotesca. Também, buscando entender a criação desse protagonista nobre, constatou-se, conforme afirma Szirko (1996), a influência de Huarte de San Juan na elaboração do perfil psicológico que Cervantes faz do “ingenioso Hidalgo”: tanto na questão da desarmonia na temperatura de Alonso (o excesso de leitura lhe secou o cérebro) assim como alguns aspectos físicos como “las carnes pocas” (p.164). Desse modo, objetivou-se pautar, nessas investigações, os fatos que fundamentassem o contexto ficcional da obra.

Das análises dos textos críticos literários, observa-se aqui os apontamentos e reflexões que cada autor apresenta sobre a loucura e a provável coexistência entre os protagonistas:

Auerbach (2011) assegura que ambos compartilham uma coexistência: “em dado momento, uma ideia fixa tomou conta de Alonso, porém, deixou livres partes de sua personalidade; assim, só quando sua ideia fixa entra em jogo é que ele é doido” (p.311). Para o autor, a sabedoria de Quixote não é a de um doido, mas sim de um homem com entendimento e censo equilibrado, afirmando, então, que Alonso faz-se presente em diversos momentos.

Para Harald Bloom (2001), a questão da loucura na obra cervantina era a forma que permitiria, tanto a Cervantes como a Quixote, a liberdade para falar o que quisessem, como uma “licença de bobo” (p.129). Entretanto aponta que Quixote voluntariamente, se põe a um mundo e a tempo ideais, no qual se entrega de modo fiel à sua própria liberdade.

Entretanto para Buxó (2008), não existiria esse dualismo distinguindo duas personalidades. O autor diz que a loucura de Quixote “não se opõe à sabedoria e bondade de Alonso, nem é independente delas, e sim sua própria consequência e conclusão”.

Unamuno (apud Harold Bloom, 2001), aponta que a “loucura de Quixote é uma recusa de Alonso em aceitar o que Freud chamava de *teste da realidade*” e,

desse modo, ele se isenta de reconhecer o mundo real e de ter responsabilidade sobre próprias ações.

Confrontando tais estudos, observou-se que, com reflexões distintas, os autores apresentam pontos de vista opostos quanto à análise de um mesmo aspecto sobre os personagens protagonistas da obra cervantina. Desse modo, pode-se afirmar que, dentre os autores aqui analisados, as críticas literárias não apresentam, um ponto comum que se possa assumir como uma característica definitiva na relação entre os personagens. Todas as questões aqui apontadas, tanto no contexto dos fatos históricos quanto na obra de Cervantes, ainda não dão conta para se afirmar a exata profundidade ou extensão no que se refere à loucura de Alonso e Quixote. É uma tarefa difícil delinear onde termina um e começa o outro.

4. CONCLUSÕES

O afinco de Alonso à leitura de livros de cavalaria, fez emergir desse imaginário utópico o heroico cavaleiro andante. Apesar de Quixote se fazer presente, Alonso permanece existindo. A relação entre ambos, é tanto evidente quanto sutil em muitos momentos em que surgem questões que envolvem, principalmente, quando as decisões exijam certo ponderamento e lucidez. Os personagens se entrelaçam e se confundem e, desse modo, a voz e o discurso naquele dado momento são tomados de forma subjetiva, permitindo, assim, leituras e interpretações distintas.

As divergências entre as análises e estudos de conceituados críticos literários, levam a concluir que dentro do universo ficcional da obra de Saavedra, na enigmática utopia quixotesca, a relação de coexistência entre os protagonistas, apesar das inúmeras investigações realizadas no decorrer de centenários anos desde a sua publicação, ainda permanece como uma grande incógnita a ser desvendada na obra cervantina.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERVANTES SAAVEDRA, M. **Don Quijote de la Mancha**, Edición del IV Centenario. España: Real Academia Española, 2004.

ERASMO, D. 1467-1536. **Elogio da Loucura**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

FOUCAUL, M. História da Loucura na Idade Clássica, 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

AUERBACH, E. A Dulcinea Encantada. In: AUERBACH, E. **"Mimesis": a representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 299-320.

BLOOM, H. Cervantes: O Jogo do Mundo. In: BLOOM, H. **O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 128-145

BUXÓ, J. P. La Soledad de Don Quijote. **Revista de Estudos Cervantinos**, Nº 5, Febrero-marzo, 2008. Acesso em: 02 mar. 2013. Disponível em: http://www.estudioscervantinos.org/5/Jose_Pascual_Buxo.pdf

HUARTE de San Juan. Examen de ingenios para las ciencias. Acessado em: 02 mar. 2013 Disponível em:



http://electroneubio.secyt.gov.ar/Juan_Huarte_de_San_Juan_Examen_de_ingenieros.pdf